

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DOCLISBOA: O DOCUMENTÁRIO EM MARCHA - CONTURBADOS ANOS 30 NA
AMÉRICA DO NEW DEAL
28 de Outubro de 2023**

THE SAVAGE EYE / 1960

Um filme de Ben Maddow, Sidney Meyers e Joseph Strick

Realização, Argumento e Montagem: Ben Maddow, Sidney Meyers e Joseph Strick /
Direcção de Fotografia: Jack Couffer, Helen Levitt e Haskell Wexler / Música: Leonard
Rosenman / Som: Larry Hubbins (gravação) e Verna Fields (montagem) / Interpretação:
Barbara Baxley (Judith McGuire), Gary Merrill (o Poeta), Herschel Bernardi (Kirk), Jean
Hidey (Venus the Body), Elizabeth Zemach (a enfermeira).

Produção: City Film Corporation / Produtores: Ben Maddow, Sidney Meyers e Joseph Strick /
Cópia em dcp, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português /
Duração: 66 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Aviso: o suporte de **The Savage Eye** a exhibir, DCP, não corresponde inteiramente aos nossos
padrões de qualidade. Havendo essa opção, o presente filme teria sido exibido em película,
como aconteceu, aliás, na passagem anterior do mesmo título, em 29 e 30 de Novembro de
2010. Por esta razão, apresentamos as nossas desculpas.

The Savage Eye é apresentado com **Look Park**, de Ralph Steiner (“folha” distribuída em
separado).

“Half-dated and half-ageless”, isto é, “semi-datado e semi-intemporal”, dizia o programa dos
Anthology Film Archives numa ocasião recente em que **The Savage Eye** foi exibido pela
“cinemateca de Jonas Mekas”. Observação certa, claro, mas muitos outros “semi semi” se
podiam acrescentar sobre um filme que nos parece hoje razoavelmente desequilibrado mas,
também por tudo o que o desequilibra, um filme único na história do cinema independente
americano, estreado nesse período crucial de 1959/60 que também deu a ver, por exemplo, o
Shadows de Cassavetes. O de Cassavetes é um filme nova-iorquino, como nova-iorquino foi
o coração do cinema independente americano dos anos 50/60, ao passo que **The Savage Eye**
é um filme de Los Angeles. Não nos lembramos se é um dos títulos evocados no **Los Angeles
Plays Itself** com que Thom Andersen abordou a (escassez de) representação de Los Angeles
no cinema americano, mas se não é podia bem ser, e essa razão (ser um filme de Los Angeles)
contribui bastante para a singularidade do filme, assim como contribuiu para alguma
estranheza no modo como foi à época recebido nos meios independentes da Costa Leste
(então, na *Film Culture*, escrevendo sobre **The Savage Eye**, o nova-iorquino adoptivo Jonas
Mekas tergiversou, justamente, sobre as diferenças entre “um filme de Nova Iorque” e “um
filme de Los Angeles”, em tom não muito abonatório para o segundo).

Realizado por um custo total de 40 000 dólares, há que notar – até em função deste magro “budget” – a quantidade e diversidade de contributos importantes, que torna muito difícil distinguir uma autoria individual capaz de emergir do colectivo. À cabeça o trio de realizadores, creditado em várias funções para além dessa (também o argumento, a montagem e a produção), mas em princípio cada um com uma responsabilidade bem definida: Ben Maddow, com uma carreira que conciliara o documentário (trabalhou com Paul Strand e Leo Hurwitz) e a grande produção hollywoodiana (de Clarence Brown a John Huston), ter-se-ia ocupado do argumento; Sidney Meyers, porventura o nome mais forte do trio em termos de tradição do cinema independente (fora autor do célebre **The Quiet One**, nos anos 40), responsabilizara-se pela montagem; e a realização estivera sobretudo a cargo de Joseph Strick, homem de singular percurso entre o documentário e o cinema de caução cultural – vimos há pouco tempo nesta sala **The Balcony**, um filme de 1963 em que Strick procurou (sem sucesso assinalável) adaptar a homónima peça de Jean Genet. Mas aqui há que referir os colaboradores directos de Strick na tomada de imagens, Jack Couffer, Helen Levitt e Haskell Wexler, sobretudo os dois últimos, Levitt uma fotógrafa de renome (que, em cinema, já colaborara com Meyers em **The Quiet One**), e Wexler, bem conhecido como um dos maiores directores de fotografia da sua geração. Colaboradores menos preponderantes, mas convém registá-los ainda pela sua notoriedade, foram o maestro Leonard Rosenman e Verna Fields, futura montadora muito requisitada pela “nova Hollywood” dos anos 70 (montou, e ganhou um oscar com isso, o **Jaws** de Steven Spielberg...). Ou, entre os actores, Gary Merrill (ainda que apenas em voz), “o Sr. Bette Davis”, actor de largo currículo hollywoodiano.

Com tantos contributos de tanta gente tão diferente, se há alguma esquizofrenia e um lado “semi semi” em **The Savage Eye** isso por ser fácil de compreender. Fazendo a pergunta da maneira mais simples: **The Savage Eye** é um filme sobre uma mulher (a ex-senhora McGuire, recém-divorciada) nos antípodas das mulheres que (abertamente) mostrava o cinema americano da época, ou é sobretudo um filme sobre uma Los Angeles – vulgar, underground, transgressora – que Hollywood nunca mostrara? Em qualquer caso, o lado “anti-hollywoodiano” é evidente, e esta personagem feminina facilmente lembra alguns modelos europeus (falou-se de Antonioni, à época), algo que parece sublinhado pelo aspecto mais datado do filme, a estrutura em diálogo “off” entre a mulher e a sua “consciência” (ou o seu “fantasma”, como a voz se define) que não escapa a uma certa grandiloquência algo rebarbativa (mas ao mesmo tempo há uma frontalidade, no próprio diálogo/monólogo inclusive, que não fica longe de lembrar algumas coisas que Godard faria nos seus filmes “femininos” de princípio dos anos 60). Por outro lado, esse diálogo substitui-se quase sempre ao som directo ou meramente “realista” (a não ser numa sequência fabulosa, a da cerimónia religiosa), existindo numa espécie de vácuo sonoro que atribui às imagens de Los Angeles a aura de uma contemplação sempre assombrada – como se (ainda o reverso de Hollywood) o mais trivial se tornasse no mais fantástico, da pobreza (ecos do **On the Bowery** de Lionel Rogosin?) à marginalidade nocturna (soberba a sequência dos travestis, criaturas bem longe de serem *flaming* como as de Jack Smith). O tempo terá dobrado o lado “antonioniano” de **The Savage Eye** um pouco sobre si próprio, mas esta outra dimensão – digamos muito simplisticamente: esta outra dimensão documental – não fez mais do que expandir-se em toda a sua impressão de irrealidade. Certos planos, certos momentos, fazem pensar em coisas como o **Carnival of Souls** de Herk Harvey ou a **Night of the Living Dead** de George Romero. **The Savage Eye**: poesia “zombie” arrancada ao sol da Califórnia...

Luís Miguel Oliveira